



CRESCIMENTO DE CINCO CLONES DE CAJAZEIRA NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA, PIAUÍ

LÚCIO FLAVO LOPES VASCONCELOS¹; JÚLIO CÉSAR LOPES DA COSTA²

INTRODUÇÃO

Dentre as fruteiras nativas de ocorrência na Região Meio-Norte do Brasil, a cajazeira (*Spondias mombin* L.) vem se destacando como uma das mais importantes, dado o grande potencial econômico que a cultura apresenta. Os seus frutos são empregados principalmente na fabricação de polpa congelada, a qual é considerada como uma das que apresenta maior aceitação entre as polpas de frutas comercializadas na Região Nordeste (VASCONCELOS et al., 2010).

A exploração da cajazeira, apesar de extrativista, tem considerável importância socioeconômica para o Norte e Nordeste brasileiro (SACRAMENTO; SOUZA, 2000). Estima-se que, em médio prazo, a espécie passe do atual estágio de extrativismo para uma exploração racional e cultivo comercial, reforçando, assim, a necessidade de pesquisas que visem o desenvolvimento de tecnologias para viabilizar o cultivo comercial dessa promissora fruteira nativa (SILVA et al., 2009).

A crescente demanda por produtos processados de cajá tem despertado o interesse de produtores para o seu cultivo em bases tecnificadas, o que já vem ocorrendo no Estado do Piauí, que já conta, atualmente, com cerca de 60 ha de pomares comerciais de cajazeiras, e continua em expansão, com previsão de instalação de mais 20 ha até meados de 2013. Para a expansão do cultivo da cajazeira em escala comercial, faz-se necessário o uso de clones com elevado potencial produtivo e com características qualitativas de frutos que atendam às exigências da agroindústria e do consumidor (BOSCO et al., 2000).

O objetivo desse trabalho foi avaliar o crescimento vegetativo de clones de cajazeira enxertados sobre porta-enxertos de pé-franco de cajazeira cultivados no município de Água Branca, Piauí.

MATERIAL E MÉTODOS

O ensaio foi implantado em janeiro de 2009, na localidade Sambaíba, situada no município de Água Branca, Estado do Piauí, e conduzido sob condições de sequeiro. Os tratamentos consistiram de cinco clones copas de cajazeira, obtidos de plantas adultas e produtivas localizadas

¹ Eng. Agr., Pesquisador Embrapa Meio-Norte-PI, e-mail: lucio@cpamn.embrapa.br

² Eng. Agr., Viveiro Agromudas e Cactus-PI, e-mail: jcesarcosta@gmail.com

nos municípios de Água Branca (clones AGB1, AGB2, AGB9 e AGB10) e Teresina (clone ZLU). Utilizaram-se mudas enxertadas por garfagem no topo em fenda cheia, em porta-enxertos de cajazeira obtidos de sementes. O plantio das mudas foi realizado no espaçamento de 10 x 10 m, em disposição triangular. O delineamento experimental adotado foi o de blocos ao acaso, com quatro repetições e quatro plantas por parcela. As covas, com dimensões de 40 x 40 x 40 cm, foram adubadas com 20 L de esterco bovino, 500 g de superfosfato simples e 300 g de calcário dolomítico.

As plantas foram mantidas no limpo por meio de coroamentos e capinas manuais com enxada. Aos 24 meses de idade fez-se uma adubação em cobertura, aplicando-se, por planta, 350 g da formulação 5-30-15+FTE. Desde o plantio, o cultivo das cajazeiras vem sendo consorciado com milho. Até o momento, o controle de pragas e doenças não foi necessário, tendo sido observado apenas um pequeno ataque de pulgões. A primeira poda de formação foi realizada aos quatro meses de idade, cortando-se o caule entre 60 e 80 cm de altura. A segunda poda foi feita aos 10 meses de idade, deixando-se os ramos primários com cerca de 1 m de comprimento.

As avaliações foram realizadas em maio de 2012, aos 40 meses de idade. Avaliaram-se as seguintes variáveis: altura de planta (m), diâmetro de copa (m), diâmetros de enxerto e de porta-enxerto (cm), medidos a 5 cm acima e abaixo da zona de enxertia, e a relação enxerto/porta-enxerto.

Os dados foram submetidos à análise de variância, utilizando-se o teste F, e as comparações das médias foram feitas pelo teste de Tukey, ambos a 5% de probabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1 estão apresentados os dados de altura de planta, diâmetros de copa, de enxerto e de porta-enxerto e a relação enxerto/porta-enxerto. Observa-se que para todas as variáveis, à exceção da relação enxerto/porta-enxerto, houve efeito significativo entre os clones de cajazeira. Os maiores valores de altura de planta foram apresentados pelos clones AGB9 e ZLU (3,92 e 3,55 m, respectivamente), diferindo estatisticamente dos demais clones. O menor valor para essa variável foi obtido pelo clone AGB2 (2,65 m), porém, não diferindo ($P > 0,05$) dos clones AGB1 e AGB10. Comportamento similar foi relatado por Souza et al. (2006), no Ceará, em que os cinco clones de cajazeira avaliados por esses autores também apresentaram efeitos significativos para a altura de planta.

Em relação ao diâmetro de copa, o maior valor foi apresentado pelo clone ZLU (4,75 m), diferindo ($p < 0,01$) dos demais, exceto do clone AGB9. A menor média para essa característica foi de 3,31 m, alcançada pelo clone AGB10, porém, sem diferir ($P > 0,05$) dos clones AGB1, AGB2 e AGB9. A média geral do diâmetro de copa foi de 3,77 m, bem superior à de 2,02 m obtida por Leite et al. (2003) em clones de cajazeira com 36 meses de idade cultivados no sul da Bahia. Tal

diferença pode ter sido o resultado da não realização de poda de formação, favorecendo, assim, à formação de uma copa mais vertical e estreita.

Quanto ao diâmetro de caule do enxerto, o clone ZLU diferiu significativamente dos clones AGB1 e AGB10, não diferindo, porém, dos clones AGB2 e AGB9. Para o diâmetro de caule de porta-enxerto, as maiores médias foram alcançadas pelos clones ZLU (18,35 cm) e AGB9 (17,53 cm), os quais diferiram estatisticamente dos clones AGB1 e AGB10, ficando o clone AGB2 em posição intermediária. A média geral para os diâmetros de enxerto e de porta-enxerto foi de 14,63 e 16,09 cm, respectivamente. Esses valores são bem superiores aos obtidos por Souza et al. (2006), em Pacajus, CE, os quais obtiveram valores de média geral de 12,04 e 12,81 cm para os diâmetros de enxerto e de porta-enxerto, respectivamente.

A relação enxerto/porta-enxerto não diferiu estatisticamente entre os clones avaliados, apresentando média geral de 0,91, valor esse concordante com os relatados por Souza et al. (2006), para os cinco clones de cajazeira enxertados na própria cajazeira, cuja média geral foi de 0,89, aos 46 meses de idade.

Tabela 1 - Altura de planta, diâmetro de copa, diâmetro de enxerto, diâmetro de porta-enxerto e relação enxerto/porta-enxerto de clones de cajazeira aos 40 meses de idade. Água Branca - PI, 2012.

| Clone | Altura de planta (m) | Diâmetro de copa (m) | Diâmetro de enxerto (cm) | Diâmetro de porta-enxerto (cm) | Relação enxerto/porta-enxerto |
|-------------|----------------------|----------------------|--------------------------|--------------------------------|-------------------------------|
| AGB1 | 2,77 b | 3,46 b | 12,65 c | 14,51 c | 0,87 a |
| AGB2 | 2,65 b | 3,34 b | 14,34 abc | 15,24 bc | 0,94 a |
| AGB9 | 3,92 a | 3,99 ab | 16,03 ab | 17,53 ab | 0,91 a |
| AGB10 | 2,83 b | 3,31 b | 13,43 bc | 14,83 c | 0,91 a |
| ZLU | 3,55 a | 4,75 a | 16,72 a | 18,35 a | 0,91 a |
| Média geral | 3,15 | 3,77 | 14,63 | 16,09 | 0,91 |
| C.V. (%) | 7,85 | 13,14 | 8,25 | 6,51 | 4,08 |

Médias seguidas de mesma letra, na coluna, não diferem entre si pelo teste Tukey ($P < 0,05$).

CONCLUSÕES

No cômputo geral das características avaliadas, os clones de cajazeira ZLU e AGB9 são os mais vigorosos, enquanto os clones AGB1 e AGB10 são os menos vigorosos, apresentando o clone AGB2 vigor intermediário.

REFERÊNCIAS

- BOSCO, J.; SOARES, K.T.; AGUIAR FILHO, S.P.; BARROS, R.V. **A cultura da cajazeira**. João Pessoa: EMEPA, 2000. 29p. (Documentos, 28).
- LEITE, J.B.V.; MARTINS, A.B.G.; RAMOS, J.V. Avaliação preliminar de clones de cajazeira (*Spondias mombin* L.) no Sul da Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MELHORAMENTO DE PLANTAS, 2., 2003, Porto Seguro. **Anais...** Porto Seguro: SBMP, 2003. 1 CD-ROM.
- SACRAMENTO, C. K.; SOUZA, F. X. **Cajá** (*Spondias mombin* L.). Jaboticabal: Funep, 2000. 42p. (Série Frutas Nativas, 4).
- SILVA, E.F.; MARTINS, L.S.S.; OLIVEIRA, V.R. Diversity and genetic structure in cajá tree (*Spondias mombin* L.) populations in northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v.31, n.1, p.171-181, 2009.
- SOUZA, F.X.; COSTA, J.T.A.; LIMA, R.N.; CRISÓSTOMO, J.R. Crescimento e desenvolvimento de clones de cajazeira cultivados na Chapada do Apodi, Ceará. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v.28, n.3, p.414-420, 2006.
- VASCONCELOS, L.F.L.; OLIVEIRA, F.C.; SOUSA, V.A.B.; SOUZA, C.L.; SOUSA, C.L.C.; ARAÚJO, E.C.E. Caracterização físico-química de frutos de 19 genótipos de cajazeira (*Spondias mombin* L.) coletados na região Meio-Norte do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 21., 2010, Natal. **Resumos...** Natal: Sociedade Brasileira de Fruticultura, 2010.